

## Reflexões sobre *corpora* de pesquisa discursiva e produção oral em aprendizagem de língua inglesa como LE na modalidade a distância

### Reflections on corpora in discursive research and oral production in EFL learning at a distance

Simone Tiemi Hashiguti\*

---

**RESUMO:** Este trabalho apresenta questionamentos e considerações teórico-metodológicas, em uma perspectiva discursiva, sobre processos de aprendizagem de língua inglesa como língua estrangeira na modalidade a distância e a partir de uma pesquisa em andamento. O objetivo é expor: (a) uma discussão do conceito de arquivo, expandindo os sentidos já existentes para o termo na teoria, e enfocando o caso dos dados que se referem à produção oral em língua inglesa, e (b) relatar como a pesquisa tem tratado, até o momento, os dados coletados, de maneira geral, e que constituem um *corpus* híbrido. Em relação a (a), defende-se que a língua inglesa pode ser, ela mesma, considerada um arquivo que, no caso do curso analisado, é arquivo de si, em formato digital, um registro particular que pode ter efeitos particulares no processo de aprendizagem. Em relação a (b), expõe-se como os conceitos de regularidades enunciativas e funcionamento de paráfrase têm norteado a análise e possibilitado o que se propõe ser um mapeamento, unidade geral que mostre um funcionamento discursivo em acontecimento. O estudo pode contribuir tanto para a área da linguística aplicada ao ensino de línguas estrangeiras quanto para a teoria de análise de discurso.

**PALAVRAS-CHAVE:** Língua Inglesa. EAD. Arquivo. Memória. Análise de discurso.

---

**ABSTRACT:** This paper presents questions and theoretical and methodological considerations on EFL learning processes in online distance courses as they have been raised in an ongoing study from a discursive perspective. The aim is to expose: (a) a discussion on the concept of archive, expanding the existing senses of the term in the theory, and focusing on the matter of data of oral production in EFL, and b) report how the research has dealt with the data that has been collected so far, which constitutes a hybrid corpus of analysis. In relation to (a), it is pointed out that the English language can be, itself, considered an archive that, in the case of the analyzed course, is a subject's own, personal archive, in digital format, and can be considered a particular kind of record that can have particular effects in the learning process. In relation to (b), the concepts of enunciative regularities and paraphrase are exposed to show how they have guided the analysis and enabled what is seen as a mapping methodology, in the sense of a general unit that shows an operating discursive process. The study may contribute to both the Applied Linguistics area and the Discourse Analysis theory.

**KEYWORDS:** English language. EAD. Archive. Memory. Discourse analysis.

---

---

\* Doutorado em Linguística Aplicada pela Universidade Estadual de Campinas. Professora Adjunta no Instituto de Letras e Linguística da Universidade Federal de Uberlândia (UFU).

## 1. Introdução

Este artigo objetiva apresentar questões e reflexões teórico-metodológicas que vêm sendo erigidas em uma pesquisa discursiva, em andamento, sobre processos de aprendizagem de língua inglesa (LI) como língua estrangeira (LE) por meio de tecnologias de informação e comunicação (TICs) e em ambientes digitais. O recorte da pesquisa a ser explorado é uma discussão sobre o tema específico da constituição e análise de *corpora* sobre produção oral em LI e a questão do agenciamento ou forma de lidar com o *corpus*, constituído de elementos híbridos. Como as considerações são preliminares, o estudo objetiva apenas compartilhar as escolhas teórico-analíticas feitas até o momento e apontar questionamentos e problematizações que se referem a dois aspectos fundamentais da pesquisa – a saber: as especificidades da LI aprendida a distância, sobretudo, em plataforma virtual de aprendizagem, e a especificidade dos dados de análise, que materializam uma história particular de ensino/aprendizagem da língua. O espaço de pesquisa é o de um curso de Letras, Licenciatura em Inglês, na modalidade totalmente a distância. Dadas as especificidades do curso no que diz respeito às formas de interação entre os sujeitos, entre si e com os materiais, e às práticas de linguagem em funcionamento, que mesclam discursos pedagógicos e digitais, propõe-se ser necessário refletir sobre como tais condições incidem nos processos de aprendizagem da língua. Enfocando-se, especialmente, neste artigo, a produção oral em LI, questiona-se: dado que tal tipo de produção no curso é realizada, majoritariamente, pela gravação e disponibilização de arquivos de áudio no ambiente virtual de aprendizagem (AVA), que diferenças analítico-metodológicas se interpõem em uma pesquisa discursiva sobre o tema? Quais as características materiais desse tipo de produção? Tais características poderiam determinar diferenças substanciais nos processos de aprendizagem da LE? As reflexões sobre essas questões são, pois, juntamente com a exposição de outras questões teórico-metodológicas da pesquisa, o objeto deste artigo e visam contribuir tanto para a movimentação teórico-metodológica da/na teoria discursiva materialista ora mobilizada quanto para o âmbito dos estudos em Linguística Aplicada ao ensino de LEs.

A perspectiva discursiva é a materialista (PÊCHEUX, 1969, 1975, 1983), que conceitua o discurso como instância material da ideologia, e a língua como instância material do discurso (ORLANDI, 2001), sistema de regras parcialmente autônomas, cujos sentidos vêm a ser pelas/nas práticas languageiras dos sujeitos, estes entendidos como posições no discurso. Em tal perspectiva, o foco das pesquisas é na compreensão de

processos de produção de sentidos, levando em consideração as estruturas de significação envolvidas, como a língua e outras materialidades, como as imagéticas, por exemplo, e suas especificidades, e as condições de produção imediatas e históricas nas quais tais estruturas são interpretadas e praticadas. A metodologia de análise é sempre um batimento entre a teoria e o *corpus* de análise, não havendo um quadro pré-determinado de categorias analíticas fechadas para aplicação, mas sim a noção de recorte de pesquisa como diretriz: como o foco é o funcionamento de um ou mais discursos, é somente durante a própria análise, em exercícios de descrição e interpretação do analista, que se constituem as categorias, organizadas em função dos próprios conceitos teóricos mobilizados no gesto de análise. Nesta pesquisa, trabalha-se, portanto, com o sentido de *corpus* como constituído e efeito já da própria teoria e do gesto de interpretação/análise do pesquisador. Distancia-se daquilo que seria a ilusão de neutralidade do analista, possível em ciências e métodos positivistas. Entende-se que o recorte de pesquisa e a escolha dos elementos que constituem o *corpus* são construções que o analista empreende ao mesmo tempo em que constrói seu dispositivo teórico-analítico. Na perspectiva da Análise de Discurso, nem teoria nem método de análise estão prontos, acabados e fechados. Dessa forma, não se trabalha com uma noção de verdade sobre os processos de aprendizagem de LI a ser resgatada nos *corpora* analisados, mas com processos discursivos que podem acontecer em diferentes espaços e formas.

O curso de graduação analisado, licenciatura simples, funciona pela Universidade Aberta do Brasil (UAB), na região sudeste do Brasil, e acontece na plataforma MOODLE, tendo uma média de 60 alunos ativos hoje. Conforme análise do Projeto Pedagógico do curso, do AVA, dos materiais didáticos e de informações socioeconômicas dos alunos, obtidas através de questionário, pode-se afirmar que são aspectos específicos do curso, além de sua modalidade: ter como objetivo graduar professores de inglês e literaturas de língua inglesa com foco para a atuação nas escolas públicas de ensino fundamental e médio<sup>1</sup>, e formar os alunos para o ensino contemplando as quatro habilidades (fala, leitura, escrita e compreensão oral); ser a maioria dos alunos oriunda de escolas públicas e que não teve educação formal em língua inglesa em escolas particulares de línguas, nem tinha feito um curso na modalidade a distância antes. Sendo a LI uma LE, com uma história singular no Brasil, pós-colônia portuguesa, herdeira de tradições e políticas

---

<sup>1</sup> O curso participa do Plano Nacional de Formação de Professores para a Educação Básica Pública, instituído por meio da Portaria Normativa nº 9, de 30 de junho de 2009, do Ministério da Educação.

monolíngues (WANDERLEY, 2013), consideram-se também esses aspectos como condições de produção no curso. Compreende-se que a LI é uma língua de bastante visibilidade no país, e que pode ser praticada em várias situações informais no dia a dia, através do acesso a formas culturais que são comuns a vários grupos sociais (e.g.: filmes, música, hábitos alimentares, digitais e de vestuário etc.), mas que tem uma história de ensino formal geralmente relacionada a um imaginário de fracasso no que se refere à habilidade de produção oral (XXX, 2003) e com uma relação muito íntima com a sala de aula presencial (HASHIGUTI, no prelo), o que pode ser um sentido a incidir nos processos educativos a distância na forma de resistência ou dificuldade de legitimar as produções orais em formato digital.

## 2. LI como arquivo

Apresentando-se como uma necessidade epistemológica emergida durante a pesquisa, a discussão sobre o conceito de arquivo se impôs para ser possível lidar com o *corpus* sobre o tipo de produção linguageira analisado. Neste estudo, parte-se do pressuposto de que aprender uma língua estrangeira é um processo de memória e de corporalidade, processo de arquivamento, no sentido de agenciamento e movimentação de memória, registro, propriamente dito, em uma máquina cerebral<sup>2</sup>, e também como movimentação simbólica e entrada em uma nova ordem significante. No caso do curso analisado, é também uma nova forma de entrada do sujeito na ordem da memória da máquina artificial (computador), já que a relação com a língua passa, obrigatoriamente, por ela. Entende-se que, para enunciar uma nova língua, o sujeito tem que disponibilizar o seu corpo, se voltar para ele em novas práticas de sonoridade, olhar o corpo de outro e se olhar, tentar fazer sentido com uma estrutura linguística que não obedece a mesma ordem significante de sua língua materna. Neste contexto, o da língua estrangeira, propõe-se, portanto, que, por sua modalidade, ela possa ser considerada, ela mesma, um arquivo, que pode ser digital e que é, sobretudo, arquivo pessoal, registro de si como (O)outro de si. Explica-se.

Compreende-se que a LI é estrangeira no sentido discutido por Revuz (1998, p. 215-220), para quem um tal tipo de língua é um objeto de saber e de prática intelectual e corporal, objeto de investimento, de sentimentos e desejo e que afeta imediatamente a relação do sujeito com a língua materna e consigo mesmo. O encontro com uma língua

---

<sup>2</sup>Acerca da relação entre memória cognitiva e memória discursiva, ver Paveau, 2012.

estrangeira, para a autora, sempre pode ter o sentido de confronto, situação que desestabiliza o sujeito. Nesse cenário, a tradição de ensino formal de LI em cursos na modalidade presencial, com a existência e a intervenção de um professor e, na maioria dos casos, com a utilização de livros didáticos tem funcionado, muitas vezes, como apoio, lugar seguro em meio à situação de fragilização a que o sujeito pode incorrer durante o processo de aprendizagem pela própria estranheza da/com a LE. Se esta desestabiliza todas as certezas de sentido que se tinha com/na língua materna, a palavra, o gesto, o olhar do professor e a estrutura do material didático na sala de aula presencial podem trazer de volta algum sentido de segurança, sobretudo quando se refere à prática de oralidade na língua, pois envolve o corpo, território primeiro e último do sujeito, no embate/relação com o corpo presencial do outro, o que é uma condição bastante específica de enunciação. Para sujeitos adultos, a dificuldade de produção oral em língua estrangeira pode ser grande, e o retorno do professor, corrigindo ou legitimando os sons e sentenças produzidas pode ser bastante significativo, funcionando como o lastro, um afeto, geralmente essencial para vários sujeitos, e que os mantém no processo de aprender a LI e se disponibilizar para ela. No caso do curso analisado, entretanto, a interação entre os sujeitos é diferente, pois o espaço é virtual, e o contato entre os sujeitos é a distância, havendo, portanto, outras relações de corpo<sup>3</sup>.

No curso enfocado, como em outros cursos a distância e espaços virtuais, pode haver presenças corporais, há a construção de corporalidades<sup>4</sup> (HASHIGUTI, 2012) que funcionam para que os sujeitos ocupem o espaço e façam-se sujeitos de corpos visíveis para o outro, mas a LI, na maior parte do tempo, não é praticada oralmente na relação com o corpo presente do outro, como ocorre em cursos presenciais, com o processo de enunciação da língua e com o retorno imediato de olhares, sorrisos, gestos, expressões, correções linguísticas que são produzidas com o corpo do professor sincronamente, em resposta às produções dos alunos. Por seu formato e pelas práticas possíveis de serem feitas no ambiente virtual de aprendizagem, o AVA, muito do que se solicita aos alunos

---

<sup>3</sup> Na configuração do curso analisado, os tutores presenciais atuam nos polos presenciais como apoio técnico para utilização de máquinas (computadores, webcams etc.), se solicitado pelos alunos, e na aplicação de provas, recebimento e despacho de documentos, por exemplo. Eles não realizam nenhuma discussão sobre conteúdos de disciplinas com os alunos. Esta parte é feita somente com os tutores a distância.

<sup>4</sup> Noção que remete à construção linguística e/ou por meio de imagens que indiquem a presença do corpo (como os *emoticons*, por exemplo), a ocupação do espaço virtual pelo corpo enunciado, ao corpo de existência virtual.

para produção oral deve ser gravado em arquivos de áudio<sup>5</sup> nas atividades individuais e postado no AVA para correção futura. Uma das condições particulares desses processos de aprendizagem da LI, portanto, e que difere substancialmente de cursos presenciais, é o corte do olhar<sup>6</sup> do outro para a produção oral.

Mas se esse processo de enunciação ocorre, na maior parte das vezes, sem o olhar do outro, a produção oral em si, entretanto, é remetida para um arquivo de produções orais. Gravadas e arquivadas, as produções contam uma história de oralidade na LI que é geralmente esquecida em processos de aprendizagem estritamente presenciais. Retira-se, portanto, em tais atividades, o corpo presencial do professor como elemento de interação síncrona do campo da visão, mas o corpo do aluno se faz presente, corporificado pela voz. Essa prática de oralidade e a construção de um arquivo de dizeres na LI para cada um dos sujeitos no curso difere de práticas em cursos presenciais, pois a memória do processo de enunciar na LI vai se constituindo também como arquivo digital. Se em processos de aprendizagem da LI em cursos presenciais tradicionais não se pode voltar ao passado e ouvir de novo pronúncias, entonações, dizeres que dependem da memória de curto prazo dos sujeitos envolvidos para serem lembradas, nos processos a distância em que ocorre a gravação de arquivos de áudio, há também a memória da máquina e um registro outro. Esse registro mantém o que foi gravado, e para a prática de oralidade, a forma de reprodução do que foi dito, de repetição e de correção, por exemplo, serão distintas e determinadas diferentemente de processos presenciais. É, portanto, a um outro funcionamento de memória de oralidade a que se refere aqui.

Além disso, a prática de enunciar para compor uma gravação de áudio é também diversa da prática de enunciar presencialmente. Numa gravação, nas condições de produção do curso (as atividades geralmente são avaliativas), e como pode acontecer várias vezes, o sujeito grava seu dizer e ouve sua voz várias vezes, para poder manter a gravação ou refazê-la. Esse exercício de escuta de si faz o sujeito se voltar para si mesmo, para seu próprio corpo e pela escuta, não pelo olhar como forma de apreensão. A volta a si, a constituição de uma escuta de si, pautada pelo arquivo gravado na máquina, mas

---

<sup>5</sup> As produções em vídeo podem ser mais difíceis de serem postadas diretamente no AVA, na versão utilizada (MOODLE 1.9), por serem mais pesadas ou de formatos incompatíveis para a reprodução.

<sup>6</sup> Entende-se que, mesmo se a atividade na qual o sujeito deve produzir um arquivo de áudio tem uma vídeo-aula ou vídeo para estímulo ou orientação para tal produção, pode haver uma diferença entre o corpo do professor visto no vídeo e o corpo do professor que olha, analisa e avalia a produção oral de um aluno na sala de aula presencial ou em atividades de web conferência com vídeo, por exemplo. São diferentes formas de olhar e interagir a que se faz referência.

produzido por si, parece suficientemente diferente de processos de aprendizagem estritamente presenciais para se pensar em particularidades específicas dos processos de aprendizagem a distância e que indiquem que não só as práticas de aprendizagem são outras como também a constituição e manutenção de memória para a LI. O sujeito é confrontado consigo mesmo, com seu corpo, com sua voz, pela gravação de áudio obrigatória no curso. Ele é obrigado a se ouvir como gravação de voz, como outra voz, como sua voz digitalizada, processada por uma máquina, mas, sempre, voz, arquivo de si, que pode ser tanto o registro outro, da máquina, como o registro Outro<sup>7</sup>, da incorporação da LI como material, espaço de memória, saber de língua(gem), a depender do processo de aprendizagem.

Nessas condições, a relação de afeto com a língua e com o outro pode ser diferentemente construída, se comparada com cursos estritamente presenciais. São, portanto, práticas de linguagem, corporalidade e de aprendizagem da LI que devem ser consideradas, teorizadas e analisadas conforme suas próprias determinações, e na relação com as tecnologias digitais e com o funcionamento das máquinas. Entende-se, portanto, que a mobilização teórico-analítica, tanto para a constituição dos *corpora* de pesquisa, quanto para a compreensão dos processos de aprendizagem, deve contemplar todos esses aspectos.

Neste contexto, é também instigante a particularidade de que, mesmo sendo a distância, o curso em questão dialoga imediatamente com modelos de cursos estritamente presenciais, pois a memória de representação<sup>8</sup> (HASHIGUTI, 2008) de aprendizagem de LI está construída a partir da história de ensino da língua no país, e que é majoritariamente presencial, mas que, enquanto acontece, desloca práticas e desconstrói certezas. Como pesquisar sobre esses deslocamentos, como compreender quais são os processos discursivos em jogo, como a modalidade do curso incide nesses processos, como a LI incide sobre o curso, como se constitui a memória para a LI, quais são *corpora* possíveis para essas questões de pesquisa são questões sobre as quais a pesquisa maior, de onde se origina o presente recorte, se ocupa.

---

<sup>7</sup> A relação *Outro* e *outro* é tratada, na Análise de Discurso, em um paralelo com conceitos da Psicanálise e diz respeito ao Outro como memória discursiva constitutiva do sujeito, que funciona ao nível inconsciente, e o outro, como presença, mesmo que imaginária, de um interlocutor, a quem se enuncia algo.

<sup>8</sup> Esse conceito se refere a memórias cristalizadas, representações imaginárias que são tomadas como verdades e que habitam o senso comum.

### 3. Memória e arquivo

Na reflexão sobre a constituição de *corpora* de pesquisa discursiva em processos de aprendizagem de LI, os conceitos de interdiscurso e arquivo são fundantes. Para Pêcheux (1982), que relaciona o arquivo a conjuntos de textos, a leitura de arquivos é um efeito de divisões sociais, e a possibilidade de interpretação (produção de leituras originais) dos textos de um arquivo e reprodução de sentidos depende de quem é quem no jogo social. Ao mesmo tempo, também para a própria constituição de um arquivo, já há injunção e determinação social na seleção dos itens. Leitura e arquivo são, portanto, geridos, se relacionam a políticas institucionais, e constituem memórias sociais. Já o conceito de interdiscurso se refere ao conjunto de “pré-construídos, elementos citados e relatados, discursos-transversos etc.” que constituem “o legível em relação ao legível” (PÊCHEUX, 1983, p. 52). Como explica o autor, para se ler um texto, é preciso “restabelecer os implícitos de que sua leitura necessita”, é preciso que algo já seja da ordem do legível. Pode-se compreender o interdiscurso, portanto, como a possibilidade histórica do sentido, aquilo que se aproxima um pouco do que é tratado por Foucault (1969, p. 145-150) como arquivo na relação com o enunciado. Para Foucault, o arquivo é aquilo que define, para o enunciado, seu sistema de enunciabilidade e funcionamento, sendo seu “sistema geral da formação e transformação”, um *a priori* histórico que dá conta, de certa forma, da dispersão de seus sentidos na história, definindo conjuntos de regras para práticas discursivas.

No caso de LEs aprendidas por sujeitos adultos, e no caso do curso focado, quando se propõe que a própria LE possa ser um arquivo, pensa-se que a LI é aprendida em situação formal, num curso de nível superior, que tem materiais e atividades didáticas específicas, num universo particular em acontecimento numa rede digital, em que a língua é institucionalmente gerida. Essa rede tem posições discursivas bem marcadas (professores, tutores, coordenadores, alunos) no constante exercício de poder e legitimação da língua aprendida. O sentido de arquivo, portanto, remete tanto à forma como a LI é praticada nesse espaço (em práticas institucionalizadas) quanto à sua inscrição na memória como sistema institucionalizado, determinado pela relação com a máquina e as redes e na relação com práticas de linguagem de um discurso eletrônico (PAVEAU, 2012).

Retomando a noção de discurso na relação entre estrutura linguística e acontecimento histórico (PÊCHEUX, 1983), em que para fazer sentido a língua como



estrutura precisa da história, também se entende que a LI, por ser estrangeira, vai se constituindo para o sujeito como estrutura que, primeiramente, pode se associar ao acontecimento na língua materna (ali, onde está o legível), pois é somente ao longo do processo de aprendizagem que ela começa a se constituir como legível em relação a si mesma. A construção da legibilidade da LI para a LI é um processo complexo e que varia de sujeito para sujeito. Num primeiro momento da aprendizagem, portanto, a LI como estrangeira pode ser uma estrutura cujos itens (sons, morfemas, palavras, frases) vão sendo arquivados como um bloco, arquivo mais ou menos lógico, cujos sentidos ressoam na memória discursiva da língua materna. Esse arquivo vai sendo constituído pelas práticas nas disciplinas do curso.

Quando se aborda a questão da oralidade nos processos de aprendizagem da LI, é possível visualizar a grande dificuldade que marca esse aspecto e como cada um vai experimentando a sonoridade da língua, construindo arquivos de sons e combinações que marcam sua própria relação com a língua e as relações de memória com a língua materna. Isto é, mesmo havendo práticas e atividades para o grupo, a forma como cada um vai construindo a LI para si e como cada um vai construindo sua sonoridade é já um arquivo individual, como pode ser compreendido a partir da análise dos arquivos de áudio individuais que vão sendo postados no curso, por exemplo.

Pronunciar novos sons, produzir sentenças com novas entonações, palavras e sintaxe são atividades que inibem vários dos alunos. E além das práticas de oralidade sugeridas nas disciplinas, outras podem acontecer a partir da autonomia e comprometimento com a língua que cada um tem e da relação com ferramentas e espaços digitais disponíveis na rede além do AVA. Para compreender como tudo isso tem acontecido no curso enfocado, e como a oralidade na LI tem se constituído, busca-se apreender aspectos da língua e do curso que têm particularizado essa constituição. A particularidade é a de que os *corpora* de pesquisa são constituídos em um espaço digital institucionalizado, de educação superior formal, que segue parâmetros de *design* e organização de instâncias superiores (MEC, UAB, a Universidade, o Centro de Educação a Distância da Universidade), e que, o que se enuncia nessa rede é, então, determinado institucionalmente, ao mesmo tempo em que, por algum espaço que é próprio do digital, entra-se em articulações e redes de sentido que seguem o fluxo e a ordem da *web* e das práticas de linguagem que têm se constituído a partir dela. Como coletar *corpora* de pesquisa que deem pistas sobre esse amplo funcionamento em rede e sobre as

especificidades de cada um dos sujeitos envolvidos, entretanto, é o grande desafio de pesquisa.

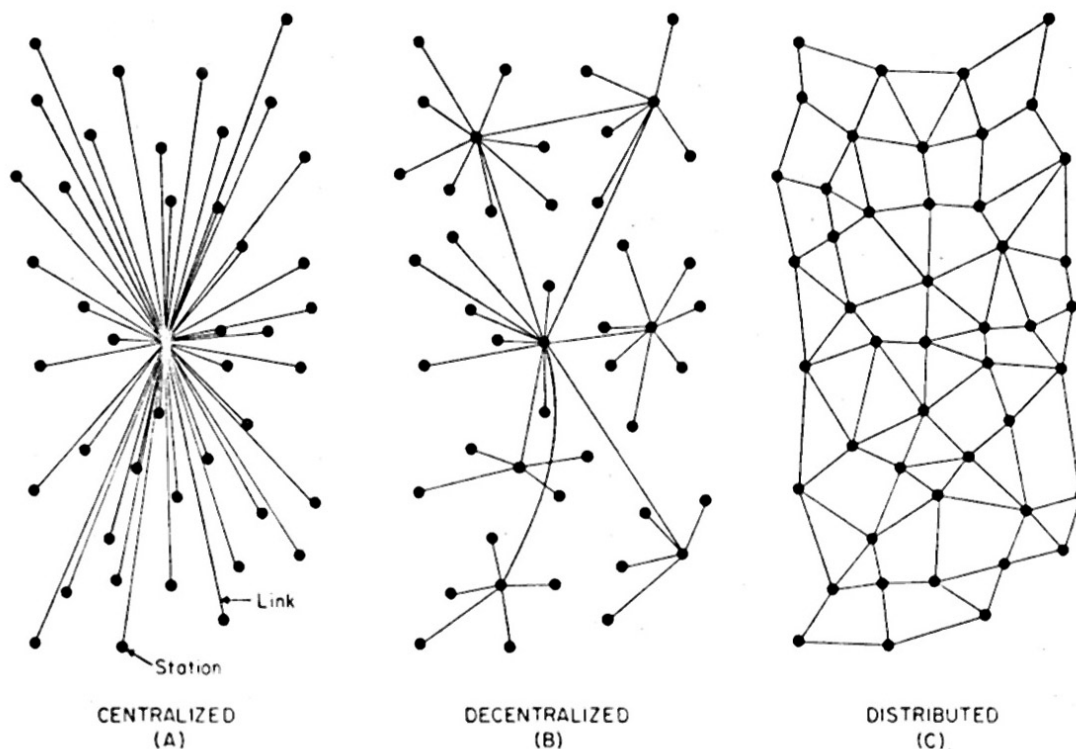
#### **4. Análise do *corpus* virtual da aprendizagem e da produção oral em LI: mapeamento**

No curso enfocado, para compreender como funcionam os processos de aprendizagem da LI, na relação com a modalidade do curso e com a especificidade de aprender essa língua e não outra, trabalha-se com dados variados, que são tanto arquivos de áudio, quanto relatos ou exercícios escritos em fóruns e questionários das disciplinas e avaliativos do curso, por exemplo. São itens de diferentes naturezas, e funcionam como um conjunto híbrido, pelos tipos de dados, a partir dos quais se tenta responder como o curso tem funcionado, como a memória da LI tem se constituído, o que são representações e o que são produções efetivas na língua, que talvez apontem para sentidos contrários aos das representações imaginárias.

Para explicar como uma primeira coleta de pesquisa foi feita com o foco na questão da oralidade e das práticas de oralidade em LI, com seus elementos híbridos constituindo um *corpus*, expõe-se, abaixo, os itens considerados significativos para analisar o todo e as particularidades dos processos de aprendizagem acontecendo no curso:

1. Questionário sócio-cultural e avaliativo sobre o curso (aplicado a alunos voluntários em 2012);
2. Postagens no fórum de discussões proposto em uma disciplina de produção oral em LI, ocorrida no 2º. Período do curso. Nesse fórum, os alunos foram solicitados a fazer uma avaliação do curso, expressando suas opiniões, sugestões e posicionamentos acerca dos pontos positivos e negativos, bem como acerca do que aprenderam e das dificuldades que encontraram.
3. Postagens nos fóruns de discussão em uma oficina virtual realizada em um evento acadêmico em formato digital sobre aprendizagem de LI e TICs, em 2014.
4. Produções orais dos alunos do curso, postadas nas atividades de diferentes disciplinas (2012 a 2014) (ainda em coleta).

Há dados, portanto, que geram gráficos, dados que são relatos escritos em português e em inglês, e que funcionam em encadeamento em um determinado fórum, e há produções orais, arquivos digitais de som, em língua inglesa. Essa variedade de dados se mostra como um conjunto para montagem, um conjunto híbrido de elementos que podem fazer visíveis, no processo de análise, quais práticas de aprendizagem de LI estão em funcionamento e como a própria LI tem sido significada no curso. Nesse sentido, o de constituição de *corpora* com elementos heterogêneos entre si, parece ser adequado retomar uma outra noção de memória, a de memória diagramática de Deleuze e Guattari (1995) para pensar que o curso, em sua forma de AVA, enquanto superfície de acontecimento, ao invés de ser um contínuo maciço de sentidos, tem pontos de sentido que vão emergindo em diferentes práticas (fóruns de discussão, envio de atividades escritas, de arquivos de áudio, comentários, avaliações etc.), e por diferentes sujeitos envolvidos no processo, e se conectando coesivamente para mostrar diferentes de processos de aprendizagem. São pontos em diagramas de memória que vão se combinando e rearticulando, como numa montagem. Também a forma de interpretação dos dados e a articulação dos diferentes tipos de dados para compor uma ou algumas regularidades em processo são montagens, que ora indicam uma visão mais ampla, ora indicam especificidades. De nosso ponto de vista, portanto, deve ocorrer uma movimentação entre teoria e a análise discursiva com a proposta deleuziana de estratos e combinações diagramáticas para que seja possível dar conta dos dados, das línguas em jogo, e para que os *corpora* de pesquisa se mantenham coesos e respondam às questões de pesquisa. Há, então, movimentos de emergência e repetição de sentidos, num processo também de ressonâncias discursivas e novos acontecimentos. Neste ponto da pesquisa, propõe-se, portanto, que um modelo de análise que talvez represente a forma de análise com reverberações entre os dados seria o de uma rede distribuída, como de Paul Baran:



Modelos de rede de Paul Baran. Fonte: <http://instituteformodern.co.uk/category/news>

Apesar de o conceito de rede distribuída se referir a redes de informação cujas topologias apresentam graus de distribuição maiores do que as redes centralizadas e descentralizadas, tendo como lei a redundância de informação para que ela sobreviva e não se apague em um sistema mesmo que parte dele seja destruída<sup>9</sup>, na presente proposta, ressignifica-se a questão da informação duplicada e reduplicada em um sistema para o sentido da ressonância discursiva, isto é, um mesmo sentido ressoa em diferentes pontos da pesquisa, mesmo que em diferentes formulações, funcionando como uma rede ou se constituindo como uma rede. Não é, pois, uma transmissão de uma mesma informação no *corpus* de um ponto a outro, mas o ressurgimento de um mesmo sentido em diferentes pontos e de diferentes formas.

## 5. Considerações finais

Nesta pesquisa, tem-se trabalhado com a noção de regularidades enunciativas e de ressonâncias discursivas para análise dos dados, e propõe-se que o diagrama de rede

<sup>9</sup> O estudo de sistemas de rede, desenvolvido por Paul Baran, na década de 60 do século XX, para a ONG Rand, tinha por objetivo discutir e desenvolver sistemas de comunicação que fossem menos vulneráveis a ataques de inimigos.

distribuída representaria a forma de análise em processo, sendo cada ponto de encontro no esquema exatamente um nó, que liga sentidos e que é um ponto de reverberação desse sentido na rede, e sendo também tanto o momento de sua emergência quanto de sua momentânea estabilização em um recorte. Cada diagrama pode representar um processo individual de aprendizagem ou um processo que acontece para o grupo. Neste momento da pesquisa, está se refletindo sobre como é possível teorizar adequadamente esse diagrama ou outra forma e a relação entre montagem e memória e *corpus* e processo discursivo.

A proposta foi a de discutir aspectos da constituição e análise de dados no curso de tipo EAD focado. Considera-se que a maneira como a questão do *corpus* híbrido na pesquisa de cunho discursivo tem sido abordada tem tornado possível compreender aspectos sobre a aprendizagem de LI e aspectos específicos, tais como a oralidade, enfocada neste trabalho, e também aspectos sobre o que possa ser uma cultura digital de aprender e construir saberes. Por esse motivo, entende-se que o estudo possa colaborar também, quando estiver em uma fase mais avançada, às reflexões sobre cultura digital, e que traga mais elementos para a compreensão mais pormenorizada dos processos de aprendizagem de LI como LE, no Brasil, hoje, e, sobretudo, sobre processos de significação em meio digital por TICs.

## Referências

BRITO, C. C. P.; HASHIGUTI, S. T. **Aspectos discursivos sobre/no ensino-aprendizagem de língua inglesa e na formação de professores em um curso EaD.** (no prelo)

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia.** Trad. Aurélio Guerra Neto e Celia Pinto Costa. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995. Vol. I.

DERRIDA, J. **Mal de arquivo: uma impressão freudiana.** Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.

HASHIGUTI, S. T. **Corpo de Memória.** Tese de Doutorado. Universidade Estadual de Campinas, 2008.

\_\_\_\_\_. Visibilidade e relações inter-pessoais nas salas de aula presencial e virtual. **Anais do Fórum Internacional Sobre Prática Docente Universitária.** Universidade Federal de Uberlândia, 2011. Publicado em 12/01/2012.

\_\_\_\_\_. Subjetividade brasileira e aprendizagem de línguas estrangeiras: um estudo discursivo. Dissertação de Mestrado. Universidade Estadual de Campinas, 2003.

ORLANDI, E. P. **Análise de Discurso: Princípios e Procedimentos**. Campinas: Pontes, 2001.

PAVEAU, M. A. **Réalité et discursivité**. D'autres dimensions pour la théorie du discours. Semen, 2012, pp. 95-115.

PÊCHEUX, M. [1975] **Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio**. Trad. Eni Pulcinelli Orlandi *et al.* 4. ed. Campinas: EDUNICAMP, 2009.

\_\_\_\_\_. [1982] Ler o arquivo hoje. Trad. Maria das Graças Lopes Morin do Amaral. In: ORLANDI, E. P. (org.) [et al.]. **Gestos de leitura: da história no discurso**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1994. p. 55-66

\_\_\_\_\_. [1983]. **O Discurso: estrutura ou acontecimento**. Trad. Eni Puccinelli Orlandi. 4. ed. Campinas, SP: Pontes, 2006.

\_\_\_\_\_. **Papel da Memória**. Campinas: Pontes, 1999.

\_\_\_\_\_. [1969] Análise Automática do Discurso (AAD69). In: GADET, F.; HAK, T. **Por uma análise automática do discurso**. 4ª. ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 2010. p. 59-158.

WANDERLEY, C. Condições de produção no espaço digital: horizonte de pesquisa. In: HASHIGUTI, S. T. (org.). **Linguística Aplicada e Ensino de Línguas Estrangeiras: Práticas e Questões Sobre e Para a Formação Docente**. Curitiba: CRV, 2013, p. 125 e 136.

Artigo recebido em: 01.03.2015

Artigo aprovado em: 06.07.2015